



ENSAIO VISUAL

**O QUE SE PASSA
QUANDO SE FECHA OS OLHOS?**

ARTE

JULIANA STEIN

ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

CURADORIA

AGNALDO FARIAS

ABCA/SÃO PAULO

Um dos problemas que Juliana Stein enfrenta por meio de poemas, aforismas, aliterações, paradoxos, ambiguidades textuais e imagéticas, é a cegueira produzida por um mundo onde as pessoas, não piscam, não têm, ou não querem ter, um minuto, um segundo que seja, de sombra, escuridão e mistério.

Esse conjunto de obras leva a pensar em *Amor*, conto de Clarice Lispector. Versando sobre Ana, nome palindrômico que a artista traz embutido no seu próprio nome, descreve a relação dessa dona de casa que “dava a tudo [sua casa, com sua mobília, filhos e marido], tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.” O conto segue assinalando que “Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela [...] Sua preocupação reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar dela [...] Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranquila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis

de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos.”

Ah, o regresso da noite. O que se passou dentro da escuridão? O que se passa quando se fecha os olhos? pergunta obliquamente nossa artista, com seu nome relacionado com justiça e responsabilidade, o que a cinge aos insólitos acontecimentos vividos pela Ana fabulada.

Não faz muito tempo fotografar implicava em não enxergar o que estava sendo fotografado: no instante do disparo era a máquina, abrindo o obturador, quem encobria o que estava sendo visto para que ele penetrasse o dispositivo pela sua lente e, em lugar da retina do olho que o mirava, tocasse a emulsão sensível do filme. Hoje em dia nem isso, hoje em dia, com a técnica digital, vê-se tudo o tempo todo. O que não quer dizer que se veja bem. Onde estão as coisas, afinal?

sente mas
não sabe
que sente
então não
sente

A sala de exposição de onde foram tiradas essas imagens tem 500 metros quadrados arranjados retangularmente, 50 x 10 metros. Sala comprida, proporção pouco comum que a artista não ocultou, colocando rente a parede do fundo, pintada de preto, solução que afora o contraste encurtava ilusoriamente a distância, uma espécie de relógio digital de grandes dimensões, ocupando grande parte dela, feito de lâmpadas fluorescentes brancas, marcando 00:00 hs. Por que parado e por que parado no 00:00 hs? Seria um ponto de partida ou de chegada? Os dois valem, pois, assim como acontece com a fotografia que suspende o fluxo de um tempo contínuo iniciado sabe-se lá quando e que vai perdurar dentro da mesma indeterminação. De qualquer modo prefiro imaginar, talvez movido pela sugestão de outra obra/texto *Não está claro até que a noite caia*, que o relógio empreendeu uma contagem regressiva, baixando até o zero. O fim do dia tem a ver com apagamento, o grande zero luminoso submergindo atrás da linha do horizonte.













infalível
infalável

**não
está
claro
até que
a noite
caia**

**sente mas
não sabe
que sente
então não
sente**

e repente e de repente tudo acontece





passo fundo passo a

JULIANA STEIN

Juliana Stein nasceu em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, em 1970. Formou-se em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná e estudou história da arte, desenho e pintura em aquarela em Firenze, Itália. Iniciou sua trajetória no campo da arte com a fotografia. Em 2018, a partir da mostra *Não está claro até que a noite caia*, que aconteceu no Museu Oscar Niemeyer, ampliou a sua pesquisa, tensionando imagens e palavras. A curadoria da mostra é de Agnaldo Farias. O livro da mostra foi vencedor do Ladawards de 2018. Seus trabalhos integraram a 29ª Bienal de São Paulo e 55ª Bienal de Veneza, entre outras mostras na América Latina e em outros continentes. Fundou, em 2019, o instituto Isso Conta, onde trabalha a democratização de acesso à arte e educação de qualidade, focada nos desafios do século 21 para estudantes do ensino público.

AGNALDO FARIAS

Agnaldo Farias é doutor pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e mestre em História Social pela UNICAMP. Desenvolve linha de pesquisa em “Arte Contemporânea” e “Arte e Arquitetura Contemporânea”.

Foi Curador Geral do Museu Oscar Niemeyer, de Curitiba (2017/2018), Curador Geral do Instituto Tomie Ohtake (2000/2012) e do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1998/2000). Foi Curador de Exposições Temporárias do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1990/1992). Em relação a Bienal de São Paulo, foi Curador Geral da 29a. Bienal de

São Paulo (2010), da Representação Brasileira da 25a. Bienal de São Paulo (1992) e Curador Adjunto da 23a. Bienal de São Paulo (1996). Foi Curador Geral da 3a. Bienal de Coimbra, Portugal (2019), Curador Internacional da 11a. Bienal de Cuenca, Equador (2011) e do Pavilhão Brasileiro da 54a. edição da Bienal de Veneza (2011).

Recebeu o prêmio “Melhor retrospectiva” da APCA, 1994, pela “Exposição Nelson Leirner”; Prêmio Maria Eugênia Franco, da ABCA, pela melhor curadoria de 2011; Prêmio “Melhor exposição de fotografia”, da APCA, 2022, pela exposição “Penna Prearo - Labirintos revisitados”.

Associado da ABCA e da AICA.